



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS – UNICAMP

Instituto de Economia

Núcleo de Economia Industrial e da Tecnologia

**Projeto: Boletim de Conjuntura Industrial,
Acompanhamento Setorial, Panorama da
Indústria e Análise da Política Industrial**

Boletim de Conjuntura Industrial

Setembro de 2010

Conjuntura da Indústria no segundo trimestre de 2010.

A conjuntura econômica e industrial brasileira manteve-se positiva no primeiro semestre de 2010, com base na sustentação do comportamento virtuoso da demanda interna, e especial destaque para o desempenho dos investimentos. A produção industrial tem apresentado um movimento bastante favorável acompanhado de perto pela expressiva criação de emprego formal. Entretanto, o comportamento do comércio externo brasileiro tem emitido sinais preocupantes, com o avanço significativo das importações e o encolhimento do saldo comercial. As perspectivas mantêm-se promissoras para o final do ano, principalmente no que se refere aos investimentos, à produção e ao emprego formal.

A trajetória de crescimento da economia brasileira foi confirmada, mas com desaceleração, no segundo trimestre de 2010. Dados do Sistema de Contas Nacionais (SCN/IBGE) mostram a elevação do Produto Interno Bruto (PIB) a preços de mercado no segundo trimestre comparado ao primeiro trimestre de 2010 (1,2%), considerando-se o ajuste sazonal (Tabela 1). Isto revelou, todavia, uma desaceleração com relação ao crescimento apresentado no primeiro trimestre comparado ao último trimestre do ano passado (2,7%). O comportamento da economia brasileira manteve-se bastante positivo no segundo trimestre do ano corrente em relação ao mesmo período do ano passado (8,2%), confirmando o crescimento já observado no trimestre anterior (8,0%). Estes dados devem ser, no entanto, relativizados, por conta da depreciada base de comparação marcada pelos reflexos da crise econômica internacional concentrados no ano passado. Considerando o acumulado em 12 meses terminados em junho de 2010, o aumento do PIB a preços de mercado atingiu 5,1%, igualando-se ao patamar alcançado no mesmo período do ano de 2008.

O padrão de crescimento tem se mantido atrelado ao comportamento da demanda interna, que continuou sendo o principal vetor de dinamismo, com peso relevante da formação bruta de capital fixo (Tabela 1). No segundo trimestre comparado ao primeiro trimestre do ano corrente, levando-se em conta o ajuste sazonal, nota-se o crescimento de todos os componentes da demanda interna, com destaque para as importações (4,4%) e a formação bruta de capital fixo (2,4%). Observa-se, no entanto, sua desaceleração na comparação com os dados do primeiro trimestre do ano, incluindo os dados apresentados pelo consumo das famílias. A despesa de consumo da administração pública foi o único componente da demanda agregada que apresentou aceleração do crescimento no segundo trimestre de 2010 (de 0,8% no primeiro trimestre para 2,1% no segundo trimestre, comparados aos trimestres imediatamente anteriores).

Observam-se patamares bastante elevados de crescimento para todos os componentes da demanda interna na comparação de dados do segundo trimestre de 2010 com os do mesmo período de 2009, novamente com destaque para os investimentos, que mostraram vigorosa recuperação com relação aos desempenhos negativos apresentados em 2009 (Tabela 1). Entretanto, os comportamentos se diferenciam entre o primeiro e o segundo trimestres comparados aos mesmos períodos do ano passado. Por um lado, houve aceleração do crescimento do consumo da administração pública (de 2,0% para 5,1%) e, em menor medida, da formação bruta de capital fixo (de 26,0% para 26,5%). Os investimentos certamente mostraram excelente desempenho no primeiro semestre deste ano com relação aos valores claramente depreciados observados no ano passado. Por outro lado, percebeu-se uma desaceleração do crescimento do consumo das famílias (de 9,3% para 6,7%). A taxa de variação das importações também apresentou uma modesta redução (de 39,5% para 38,8%), sem, todavia, apresentar sinais claros de arrefecimento.

A contribuição da demanda externa para o crescimento da economia brasileira, representada pelo comportamento das exportações, tem se mantido positiva, mas decrescente (Tabela 1). Observa-se desaceleração do crescimento das exportações ao se comparar o primeiro e o segundo trimestres do ano corrente com os trimestres imediatamente anteriores (de 2,1% para 1,0%), considerando-se o ajuste sazonal, bem como ao se relacionar os dados dos dois primeiros trimestres deste ano com os dos mesmos períodos do ano passado (de 14,5% para 7,3%). Isto revela a necessidade de uma atenção especial com o comportamento das vendas externas brasileiras, certamente agravada pela consideração do ritmo superior de crescimento das importações, estimuladas pelo dinamismo da demanda interna.

Tabela 1 – Taxa de Variação do PIB por Atividades e por Componentes da Demanda (I/2010 e II/2010) (Em %)

	Taxa trimestral contra mesmo trimestre do ano anterior		Taxa trimestral contra trimestre imediatamente anterior(*)	
	I/2010	II/2010	I/2010	II/2010
Agropecuária	5,1	11,4	3,8	2,1
Indústria	14,6	13,8	4,0	1,9
Extrativa Mineral	13,7	14,1	-	-
Transformação	17,2	13,8	-	-
Construção Civil	14,9	16,4	-	-
Eletricidade, gás e água	8,1	10,8	-	-
Serviços	5,9	5,6	1,8	1,2
PIB a preço básico	8,0	8,2	2,8	1,8
PIB a preços de mercado	9,0	8,8	2,7	1,2
Despesa de consumo das famílias	9,3	6,7	1,4	0,8
Despesa de consumo da administração pública	2,0	5,1	0,8	2,1
Formação bruta de capital fixo	26,0	26,5	7,3	2,4
Exportação de bens e serviços	14,5	7,3	2,1	1,0
Importação de bens e serviços (-)	39,5	38,8	12,9	4,4

(*) Com ajuste sazonal.

Fonte: Sistema de Contas Nacionais (SCN)/IBGE.

Detalhando o comportamento das atividades econômicas, destaca-se o crescimento da indústria no primeiro trimestre do ano corrente com relação ao trimestre imediatamente anterior (4.0%), com ajuste sazonal, inclusive superando o crescimento das demais atividades no mesmo período. No entanto, também se observa a desaceleração do crescimento da atividade industrial no segundo trimestre com relação ao primeiro trimestre do ano (1,9%). Por sua vez, comparando os dados das distintas atividades econômicas nos dois primeiros trimestres de 2010 com relação aos mesmos períodos de 2009, percebe-se a generalização de uma significativa recuperação, com destaque para a indústria, tanto extrativa quanto de transformação, que apresentou taxas de crescimento expressivas de, respectivamente, 17,2% e 13,8% (Tabela 1). A construção civil certamente se destacou no segundo trimestre do ano corrente, com crescimento de 16,4% na comparação com o mesmo período do ano passado, superando o desempenho das demais atividades econômicas.

Segundo dados da Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF/IBGE), houve significativo aumento da produção na indústria de transformação, na extrativa e, portanto, na indústria geral, no primeiro e no segundo trimestres de 2010 comparados aos mesmos trimestres de 2009 (Tabela 2). Este desempenho foi certamente influenciado pela fraca base de comparação (sob os efeitos adversos da crise mundial), mas ainda assim indicativo relevante de um movimento de recuperação da indústria brasileira. As taxas de crescimento

no segundo trimestre foram menores do que aquelas observadas no primeiro trimestre do ano, confirmando a desaceleração recente do ritmo de crescimento industrial. O comportamento da produção industrial no primeiro e no segundo trimestres de 2010 com relação aos trimestres imediatamente anteriores, com ajuste sazonal, reafirma a manutenção de uma trajetória de crescimento desde o segundo trimestre do ano passado (Tabela 2). Entretanto, percebe-se também a perda de dinamismo da produção no segundo trimestre com relação ao primeiro trimestre do ano corrente: a indústria de transformação cresceu 0,8%, a extrativa 2,0% e a indústria geral 1,3%.

Considerando o acumulado ao longo dos últimos 4 trimestres terminados em junho de 2010, as taxas de crescimento da produção industrial voltaram a exibir valores positivos, que haviam sido pela última vez observados no acumulado do ano de 2008. As taxas de crescimento da produção física nos 12 meses findos em junho do ano corrente foram de 6,5% para a indústria de transformação e para a indústria geral, enquanto a extrativa apresentou um crescimento de 5,4% (Tabela 2). Em todos os casos, observou-se o retorno a níveis próximos de crescimento alcançados no acumulado de 4 trimestres terminados em junho de 2008 (respectivamente, 6,7% e 6,3% – PIM-PF/IBGE), quando a indústria brasileira vivenciava um importante ciclo de crescimento.

**Tabela 2 – Taxa de Variação da Produção Industrial Brasileira (Em %)
(IV/2008 a IV/2009)**

Atividades	I 2009	II 2009	III 2009	IV 2009	I 2010	II 2010
Taxa de variação trimestral em relação ao mesmo trimestre do ano anterior						
Indústria Geral	(14,6)	(12,3)	(8,2)	5,9	18,2	14,3
Indústria Extrativa	(15,8)	(11,7)	(9,9)	3,0	18,9	14,0
Indústria de Transformação	(14,5)	(12,3)	(8,1)	6,0	18,2	14,4
Taxa de variação trimestral em relação ao trimestre imediatamente anterior (com ajuste sazonal)						
Indústria Geral	(6,6)	4,0	5,0	4,2	3,1	1,3
Indústria Extrativa	(8,2)	5,3	4,8	2,4	4,1	2,0
Indústria de Transformação	(5,9)	3,4	4,7	4,3	3,7	0,8
Taxa de variação acumulada nos últimos quatro trimestres						
Indústria Geral	(1,9)	(6,5)	(10,2)	(7,4)	(0,3)	6,5
Indústria Extrativa	(1,8)	(6,2)	(10,9)	(8,8)	(1,1)	5,4
Indústria de Transformação	(1,9)	(6,5)	(10,2)	(7,3)	(0,2)	6,5

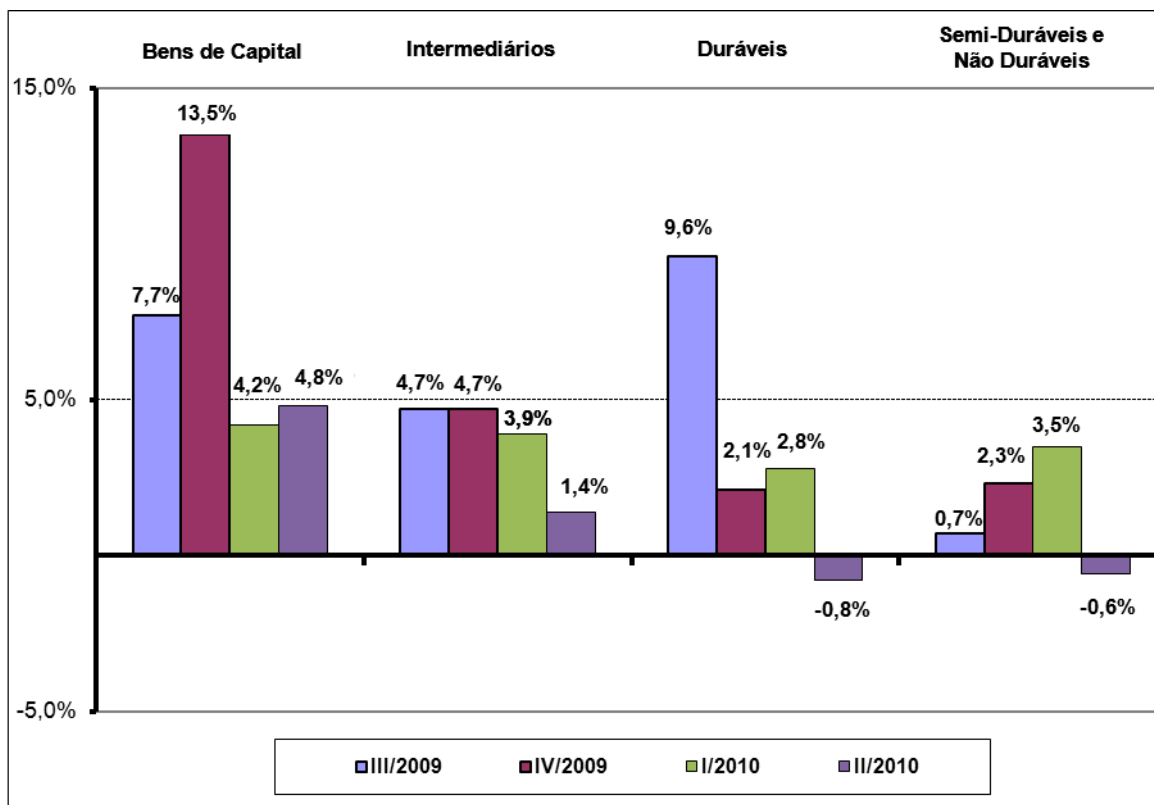
Nota: Os dados incorporam a eventual revisão dos números anteriormente divulgados pelo IBGE. Podem existir, portanto, diferenças com relação aos dados contidos nos boletins de conjuntura industrial anteriores.

Fonte: Pesquisa Industrial Mensal-Produção Física (PIM-PF)/IBGE.

A produção industrial apresentou um comportamento diferenciado por categorias de uso no primeiro semestre de 2010 (Gráfico 1).

O setor de bens de capital continuou liderando o crescimento da produção industrial no primeiro semestre do ano corrente. Houve elevação da produção de bens de capital no segundo trimestre em relação ao primeiro trimestre (4,8%), seguindo o comportamento apresentado no último trimestre de 2009 (13,5%) e no primeiro trimestre de 2010 (4,2%) comparados aos trimestres imediatamente anteriores, com ajuste sazonal (Gráfico 1).

**Gráfico 1 – Evolução da Produção Industrial por Categorias de Uso
(taxa de variação trimestral em relação ao trimestre imediatamente anterior –
III/2009 a II/2010) (Em%)**



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIM-PF/IBGE.

A produção de bens intermediários também apresentou crescimento no primeiro semestre do ano corrente, mas com tendência recente de desaceleração. As taxas de crescimento nos dois primeiros trimestres de 2010 comparados aos trimestres imediatamente anteriores, com ajuste sazonal, foram de, respectivamente, 3,9% e 1,4%. O que diferenciou o desempenho da produção de bens intermediários foi, portanto, sua perda de dinamismo no segundo trimestre do ano corrente.

A produção de bens de consumo duráveis passou por um período de acomodação no primeiro semestre de 2010, depois de ter vivenciado uma expressiva retomada no âmbito da política de desoneração fiscal adotada pelo governo brasileiro para estimular a produção dos setores automotivo e de eletrodomésticos de linha branca. A produção física de bens duráveis, que havia vivenciado expansão bastante expressiva no segundo (11,7%) e no terceiro trimestres (9,6%) do ano passado em relação aos trimestres imediatamente anteriores, passou por um período de desaceleração do crescimento e, por fim, de redução, especificamente no segundo trimestre na comparação com o primeiro trimestre do ano corrente (-0,8%). Para tal comportamento contribuíram a redução gradativa e o fim da desoneração do Imposto sobre Produtos Industrializados (IPI) destinada aos setores automotivo e de linha branca. Assim sendo, o que marcou e diferenciou o comportamento recente da produção física de bens de consumo duráveis foi sua contração no segundo trimestre de 2010.

O setor de bens de consumo semiduráveis e não-duráveis, como destacado em documentos anteriores, não sofreu de forma tão intensa os efeitos da crise mundial, por conta de sua limitada dependência da disponibilidade de crédito para o consumo. Sua produção física conseguiu manter taxas de crescimento trimestral ascendentes, apesar de reduzidas, desde o segundo trimestre do ano passado, comparando com os dados dos trimestres imediatamente anteriores, com ajuste sazonal (Gráfico 2). No entanto, houve pequena queda da produção

de bens semiduráveis e não-duráveis no segundo trimestre em relação ao primeiro trimestre do ano corrente (-0,6%), com ajuste sazonal, revelando uma perda recente de dinamismo de sua produção interna.

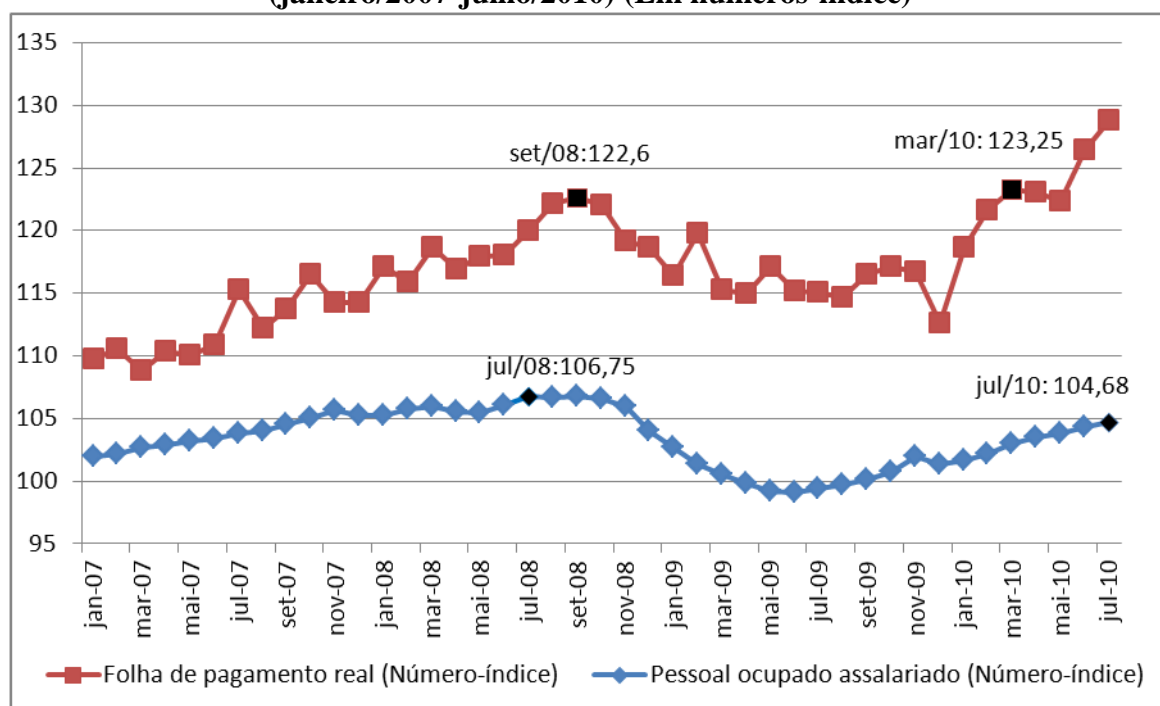
Analisando a produção física por atividade industrial, observa-se a generalização de seu crescimento (em 23 dos 27 setores incluídos na PIM-PF/IBGE) no segundo trimestre de 2010 comparado ao mesmo período de 2009. Isto certamente reflete um efeito estatístico relevante, pois a base de comparação se encontrava depreciada no momento em que os impactos adversos da crise mundial rondavam a indústria brasileira. Os setores industriais que lideraram o crescimento com taxas de variação bastante expressivas no segundo trimestre do ano corrente foram: máquinas e equipamentos (41,8%), produtos de metal (exclusive máquinas e equipamentos) (29,4%), metalurgia básica (28,9%), veículos automotores (27,5%) e madeira (24,7%). O crescimento acumulado no ano terminado em junho de 2010 revela o vigor de alguns setores industriais, como máquinas para escritório e equipamentos de informática (17,2%); veículos automotores (14,4%) e máquinas e equipamentos (12,5%). Na composição da taxa de crescimento da indústria brasileira no primeiro semestre de 2010 (16,2%), também se destacaram individualmente o setor de veículos automotores (3,1%) e de máquinas e equipamentos (2,1%). Nota-se que alguns desses setores líderes, pertencentes às categorias de bens de capital ou de bens de consumo duráveis, haviam se destacado no ciclo de crescimento pré-crise, sofreram de forma acentuada os efeitos da crise, mas conseguiram recuperar gradativamente sua posição de liderança do crescimento industrial.

Portanto, a análise dos últimos dados trimestrais de produção física disponíveis confirma a expressiva recuperação da produção industrial na comparação com o período de crise, apesar de revelar uma acomodação recente do crescimento de vários setores industriais. Mantêm-se as perspectivas positivas para a indústria brasileira no segundo semestre do ano corrente, apesar da acomodação recente da produção de duráveis, principalmente considerando o comportamento positivo da produção de bens de capital. A dedicação dos setores público e privado à ampliação dos investimentos e da produção industrial tem contribuído para a geração de resultados positivos. Sua sustentação certamente depende da confirmação das expectativas empresariais relacionadas ao comportamento da demanda em futuro próximo. A contração dos juros reais e a recomposição do crédito podem desempenhar um papel relevante de incentivo à expansão dos investimentos e da produção industrial.

O desempenho positivo da produção tem contribuído para a manutenção do crescimento do emprego e do rendimento real na indústria brasileira. Segundo dados da Pesquisa Industrial Mensal de Emprego e Salário (PIMES/IBGE), houve crescimento de 2,5% do pessoal ocupado assalariado tanto na indústria geral quanto na indústria de transformação no primeiro semestre de 2010 comparado ao mesmo período de 2009, aproximando-se dos aumentos observados no primeiro semestre de 2008, respectivamente 2,9% e 2,8%, em contexto de dinamismo econômico pré-crise. Além disso, houve crescimento do emprego na indústria geral (1,5%) e de transformação (1,5%) no segundo trimestre com relação ao primeiro trimestre do ano corrente, com ajuste sazonal. Considerando o desempenho mensal dos números-índice, nota-se a reversão do comportamento descendente do pessoal ocupado assalariado na indústria a partir de julho de 2009, com um pequeno decréscimo localizado em dezembro e recuperação sistemática a partir de janeiro de 2010 (Gráfico 3). Constata-se, portanto, uma tendência de recuperação do pessoal ocupado assalariado na indústria brasileira, sem que, todavia, ainda se tenha alcançado os elevados patamares do período pré-crise.

A folha de pagamentos real da indústria também se comportou de forma bastante positiva no primeiro semestre de 2010. Houve elevação para a indústria geral (4,6%) e para a de transformação (5,2%) no primeiro semestre do ano corrente, comparado ao mesmo período do ano passado. Também observou-se crescimento do rendimento real na indústria geral (2,3%) e de transformação (2,6%) no segundo trimestre com relação ao primeiro trimestre deste ano, com ajuste sazonal. Por sua vez, a evolução mensal dos números-índice deixa entrever um comportamento mais instável da folha de pagamento real da indústria brasileira, com tendência de recuperação mais acentuada a partir de janeiro de 2010, levando o índice de março de 2010 a superar aquele de setembro de 2008, o mais alto patamar atingido pelos rendimentos reais no ciclo de crescimento anterior (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Evolução da Folha de Pagamento Real e do Pessoal Ocupado na Indústria (janeiro/2007-julho/2010) (Em números-índice)



Nota: Janeiro/2001 = 100.

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIMES/IBGE.

O comportamento do emprego formal industrial também tem refletido de maneira evidente a recuperação da indústria brasileira. Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED/MTE)¹ revelam a criação de 385 mil vagas na indústria brasileira no primeiro semestre de 2010, com forte predomínio das vagas criadas pela indústria de transformação, principalmente por setores tradicionalmente empregadores, como alimentos e vestuário, mas também por setores produtores de veículos automotores e de refino de petróleo e álcool (Tabela 3). O número de vagas criadas em apenas um semestre foi quase equivalente ao número de vagas criadas em todo o ano de 2007 e o dobro do número de vagas criadas em 2008. Isto significa um expressivo avanço na criação de emprego formal pela indústria brasileira na comparação com os anos anteriores. O estoque de emprego

¹ O CAGED/MTE apresenta os resultados de todas as empresas que realizaram contratação/desligamento de empregados formais no período pesquisado, com cobertura censitária. Os dados foram organizados com base na nova CNAE 2.0. Por sua vez, a PIMES/IBGE tem cobertura amostral, incluindo empresas com 5 funcionários ou mais. Portanto, podem ser encontradas tendências divergentes nas duas fontes de dados utilizadas, principalmente em setores com predomínio de pequenas e médias empresas.

formal na indústria brasileira passou de 7,14 milhões de empregados em 2009 para 7,53 milhões de empregados em junho de 2010 – com dados ajustados através do fluxo de admitidos e desligados no primeiro semestre do ano corrente (RAIS/MTE).

Tabela 3 – Criação de Vagas e Massa Salarial das Contratações Líquidas na Indústria Brasileira (I/2007 a II/2010)

Ano	Criação de Vagas					Massa de Salários de Contratações Líquidas (em R\$ mil de dez/09*)				
	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	Total	1º trimestre	2º trimestre	3º trimestre	4º trimestre	Total
2007	108.986	188.246	175.903	(86.531)	386.604	18.489	62.287	50.992	(105.616)	26.152
2008	153.090	167.668	193.793	(348.295)	166.256	65.742	59.930	63.728	(351.826)	(162.426)
2009	(146.761)	2.578	203.323	(52.009)	7.131	(291.288)	(145.245)	35.779	(99.871)	(500.626)
2010	199.187	186.139	-	-	385.326	98.471	72.510	-	-	170.981

*Dados deflacionados pelo IPCA (IBGE).

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP com base em dados RAIS e CAGED/MTE.

A massa de salários de contratações líquidas² na indústria brasileira também apresentou um desempenho bastante positivo no primeiro semestre de 2010, revertendo a trajetória descendente observada em anos anteriores (Tabela 3). Houve ganho de massa salarial acompanhando a criação de emprego formal na indústria brasileira no primeiro semestre, porém com redução do salário médio do estoque de trabalhadores na indústria extrativa e de transformação. A diferença entre os salários médios dos trabalhadores admitidos e dos desligados manteve-se negativa no primeiro semestre, aumentando em termos absolutos do primeiro para o segundo trimestre de 2010. Espera-se manutenção de um desempenho favorável da massa salarial no contexto de expansão da produção industrial e do emprego formal ao longo do segundo semestre.

Já o comércio externo brasileiro tem sofrido o efeito da elevação das importações, em contexto de aquecimento da demanda interna e de valorização da moeda nacional, ??

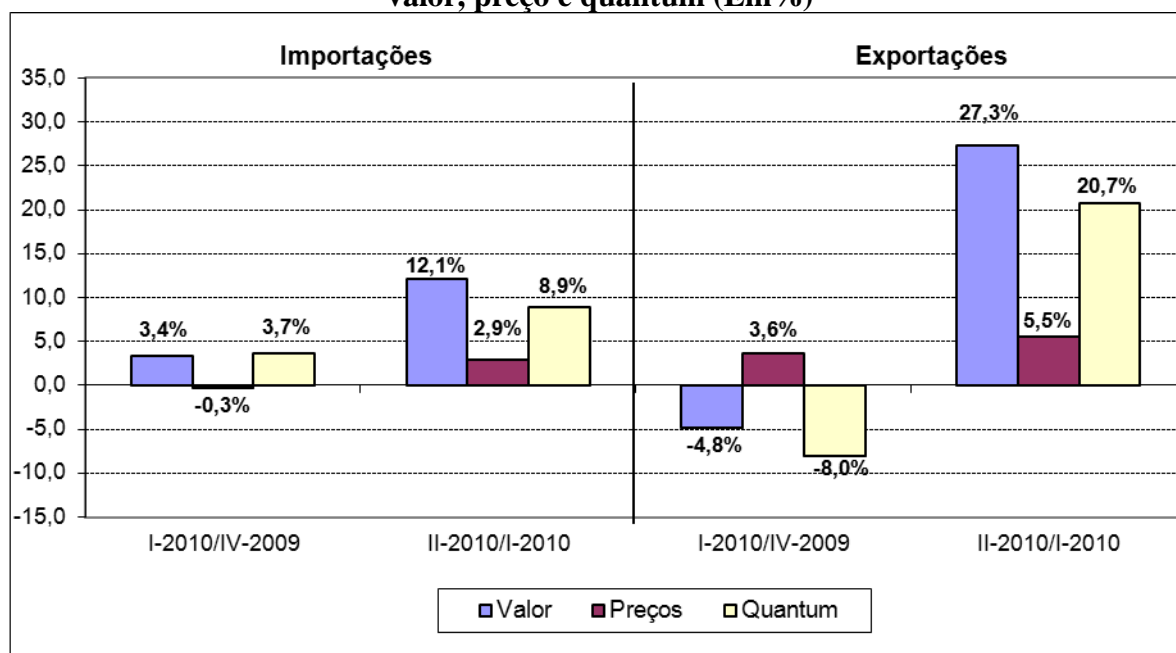
Observou-se uma tendência de deterioração do superávit comercial trimestral desde o terceiro trimestre do ano passado, com interrupção localizada no segundo trimestre de 2010. O superávit comercial brasileiro continuou sua trajetória de queda e sofreu expressiva redução para US\$ 896 milhões no primeiro trimestre, porém apresentou considerável recuperação para US\$ 7 bilhões no segundo trimestre, basicamente estimulada pelo desempenho positivo das exportações, que atingiram quase US\$ 50 bilhões (FUNCEX). Mesmo assim, a elevação do saldo comercial positivo no segundo trimestre de 2010 não permitiu que se retornasse ao patamar alcançado no mesmo período de 2009.

A queda do superávit comercial no primeiro trimestre do ano corrente comparado ao último trimestre do ano passado decorreu principalmente da trajetória descendente das exportações (-4,8%), com menor contribuição do aumento das importações (3,4%) no mesmo período (Gráfico 4). A atividade exportadora brasileira pode ter sido prejudicada no início deste ano pela ainda tímida recuperação da demanda externa, especialmente em importantes mercados consumidores, como Estados Unidos e União Européia, e pelo consequente redirecionamento da produção para o mercado interno.

² Estimada pela diferença entre a massa de salários dos trabalhadores admitidos e dos desligados na indústria.

Por sua vez, nota-se expressiva recuperação do superávit comercial no segundo trimestre comparado ao primeiro trimestre do ano, exclusivamente com base no incremento das exportações (27,3%) considerando a continuidade da trajetória ascendente das importações (12,1%) no período em questão (Gráfico 3). Vale destacar que tanto nas importações quanto nas exportações, o fator determinante para a variação dos valores comercializados esteve associado às quantidades exportadas e importadas.

Gráfico 3 – Taxa de Variação das Exportações e das Importações: valor, preço e quantum (Em%)



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da FUNCEX – fonte original: SECEX.

Considerando as categorias de uso, destacaram-se as exportações de bens intermediários em termos de participação relativa e de contribuição ao crescimento dos valores exportados no segundo trimestre do ano. Este desempenho positivo foi liderado pelo incremento das quantidades exportadas (27,7%), com contribuição relativamente menor, mas não negligenciável, dos preços de exportação dos bens intermediários (8,2%) (Tabela 4). As demais categorias de uso também experimentaram aumento nos valores exportados puxados pela elevação das quantidades exportadas, com a exceção dos combustíveis, que vivenciaram um maior aumento de preços de exportação. Em especial, os bens de capital apresentaram significativa elevação de quantum exportado (25,1%) no segundo trimestre, o que permitiu uma importante contribuição ao crescimento das exportações brasileiras (7,2%) no período analisado.

Tabela 4 – Exportações por Categoria de Uso – Indicadores Selecionados (2º trimestre de 2010)

Categorias de uso	Valor (US\$ milhões)	Participação Relativa (%)	Contribuição ao Crescimento (%)	Varição de Preço (%)	Varição de Quantum (%)
Bens de Capital	3.907	7,8	7,2	0,1	25,1
Bens Intermediários	31.800	63,7	82,1	8,2	27,7
Bens de Consumo Duráveis	1.723	3,4	1,8	1,9	10,6
Bens de Cons. Não-Duráveis	7.321	14,7	5,9	1,5	7,9
Combustíveis	5.206	10,4	3,1	3,9	2,7

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da FUNCEX – fonte original: SECEX.

Observando os setores de atividade que mais contribuíram para o crescimento das exportações no segundo trimestre, é possível destacar a influência da elevação das commodities agrícolas (37,1%), mas também das commodities metálicas (23,2%). Considerando os oito setores que mais contribuíram para o crescimento das exportações no segundo trimestre de 2010 – responsáveis por quase 80% do valor exportado e mais de 90% do crescimento no período citado –, percebe-se a decisiva influência das quantidades exportadas, com exceção da metalurgia básica, que sustentou seu crescimento exclusivamente na variação dos preços de exportação no período em questão (Tabela 5). Isto confirma que as quantidades exportadas ditaram o desempenho dos valores exportados nos dois primeiros trimestres do ano. No segundo trimestre, destacaram-se positivamente os bens intermediários, e especificamente setores produtores de commodities agrícolas e metálicas, cuja demanda externa tem se mantido aquecida, com participação especial da demanda de países asiáticos. Portanto, revela-se o fortalecimento da retomada do dinamismo da demanda externa, principalmente de produtos básicos, em período recente.

Tabela 5 – Exportações dos Principais Setores de Atividade – Indicadores Selecionados (2º trimestre de 2010)

Setores	Valor (US\$ milhões)	Participação Relativa (%)	Contribuição ao Crescimento (%)	Variação de Preço (%)	Variação de Quantum (%)
Produtos alimentícios e bebidas	9.212	18,4	17,5	(1,7)	27,8
Agricultura e pecuária	7.625	15,3	37,1	(6,8)	119,6
Extração de minerais metálicos	6.439	12,9	23,2	0,9	2,9
Extração de petróleo	4.252	8,5	4,5	4,6	7,4
Metalurgia básica	3.786	7,6	1,2	6,0	(2,4)
Veículos automotores	3.372	6,7	5,0	2,3	16,5
Produtos químicos	2.676	5,4	1,4	3,0	2,8
Máquinas e equipamentos	2.043	4,1	2,6	(2,9)	20,3

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da FUNCEX – fonte original: SECEX.

No que se refere às importações, a elevação de seu valor no primeiro trimestre de 2010 comparado ao último trimestre de 2009 (3,4%) foi liderada pelo aumento das quantidades importadas (3,7%), pois houve ligeira queda dos preços dos produtos importados (-0,3%) (Gráfico 5). Os combustíveis e os produtos intermediários, provavelmente incentivados pela sustentação da recuperação da produção industrial doméstica, lideraram a elevação dos valores importados no primeiro trimestre do ano.

Um cenário similar pode ser observado no segundo trimestre com relação ao primeiro trimestre do ano. O incremento do valor das importações (12,1%) continuou sendo liderado pela elevação do quantum importado (8,9%), mas houve aumento, ainda que tímido, dos preços dos produtos importados (2,9%) (Gráfico 5). Percebeu-se uma aceleração do ritmo de crescimento das importações e os principais responsáveis pelo incremento dos valores importados no segundo trimestre foram os bens intermediários (43,7%), os combustíveis (24,7%) e os bens de capital (22,3%), estimulados pelo fortalecimento da produção industrial doméstica (Tabela 6). Embora todas as categorias de uso tenham experimentado aumento nas quantidades importadas, o crescimento foi muito mais significativo nos bens de capital, nos combustíveis e nos bens de consumo duráveis. No caso dos bens de capital, o aumento das importações foi expressivo, estando claramente associado ao movimento de expansão dos investimentos. A elevação das importações de bens de capital vem ocorrendo de maneira complementar à produção doméstica, uma vez que sua produção física interna apresentou expansão, bem como seu quantum exportado. No caso dos bens de consumo duráveis, o aumento das importações se deu em detrimento da produção doméstica e acompanhado de seu redirecionamento para o mercado externo, considerando que houve

redução de sua produção física, assim como aumento de suas exportações no período analisado.

Tabela 6 – Importações por Categoria de Uso – Indicadores Selecionados (2º trimestre de 2010)

Categorias de uso	Valor (US\$ milhões)	Participação Relativa (%)	Contribuição ao Crescimento (%)	Variação de Preço (%)	Variação de Quantum (%)
Bens de Capital	6.768	15,8	22,3	1,6	16,2
Bens Intermediários	23.784	55,4	43,7	2,4	6,6
Bens de Cons. Duráveis	2.700	6,3	9,0	4,9	12,6
Bens de Cons. Não-Duráveis	2.995	7,0	1,0	0,7	1,0
Combustíveis	6.707	15,6	24,7	6,0	14,0

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da FUNCEX – fonte original: SECEX.

Os setores que mais contribuíram para o crescimento das importações no segundo trimestre do ano corrente foram o refino de petróleo e combustíveis (18,3%) e veículos automotores (16,7%), basicamente puxados pelas quantidades importadas, considerando as relativamente reduzidas variações de preços (Tabela 7). Quase todos os setores listados (com exceção de máquinas e equipamentos) experimentaram crescimento das importações em razão do aumento das quantidades importadas, embora tenham apresentado variação de preços positiva. São principalmente setores que envolvem bens de capital, insumos e componentes, e que, portanto, tiveram aumento no quantum importado em decorrência do aquecimento da demanda interna, em um contexto de câmbio valorizado.

Tabela 7 – Importações dos Principais Setores de Atividade – Indicadores Selecionados (2º trimestre de 2010)

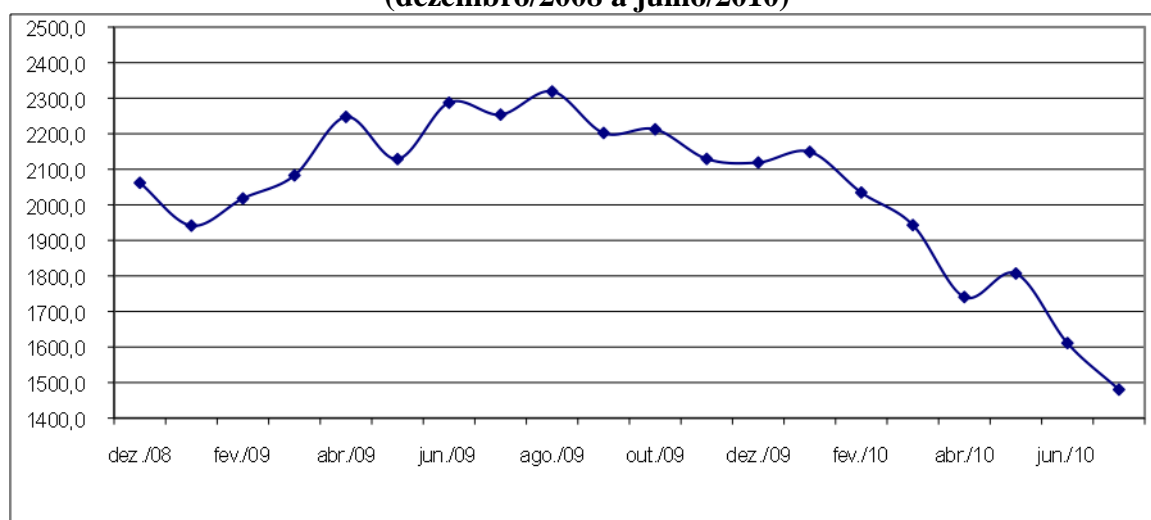
Setores	Valor (US\$ milhões)	Participação Relativa (%)	Contribuição ao Crescimento (%)	Variação de Preço (%)	Variação de Quantum (%)
Produtos químicos	7.506	17,5	8,2	3,2	2,0
Veículos automotores	4.547	10,6	16,7	1,1	19,1
Máquinas e equipamentos	4.510	10,5	8,2	(0,1)	9,3
Refino de petróleo e combustíveis	3.809	8,9	18,3	5,1	22,7
Extração de petróleo	3.333	7,8	11,3	6,1	12,0
Material eletrônico e de comunicações	3.282	7,6	10,2	7,0	8,9
Metalurgia básica	2.300	5,4	3,3	1,0	5,9
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	1.828	4,3	6,3	3,4	15,4

Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da FUNCEX – fonte original: SECEX.

A análise dos dados do comércio externo brasileiro no primeiro semestre do ano corrente permitiu mostrar a intensificação da atividade importadora brasileira, especialmente de bens intermediários e de capital, relacionada à sustentação da demanda interna e ao revigoramento da produção doméstica. Por outro lado, esta análise ressaltou o crescimento recente das exportações brasileiras, principalmente de commodities agrícolas e metálicas, aproveitando a recuperação da demanda externa, que conseguiu reverter o movimento descendente das exportações observado no primeiro trimestre e superar o comportamento ascendente das importações no segundo trimestre do ano. O resultado líquido analisado foi o reforço da deterioração do superávit comercial brasileiro no primeiro trimestre e sua recuperação localizada no segundo trimestre. Considerou-se que a valorização da moeda nacional tem desempenhado um papel de estímulo à expansão das importações e de entrave adicional ao incremento mais vigoroso das exportações de setores industriais dependentes da demanda externa ainda em processo de recuperação.

Para compreender a tendência da trajetória do saldo comercial externo brasileiro, torna-se interessante, no entanto, a observação dos dados em um prazo mais longo, que reafirma a preocupante deterioração do superávit comercial. Este fato pode ser verificado através do comportamento da média móvel – calculada com base nos dados dos últimos 12 meses – do superávit comercial brasileiro em período recente. A média móvel orbitou em torno de US\$ 1,88 bilhões/mês no primeiro semestre de 2010, em patamar relativamente inferior ao observado em 2009 (US\$ 2,2 bilhões/mês). Em julho de 2010, a média móvel atingiu seu mais baixo patamar no período analisado (US\$ 1,48 bilhões) (Gráfico 4). Neste contexto, o cenário de deterioração da balança comercial brasileira nos próximos meses deve continuar, contribuindo para piorar a situação deficitária da conta de transações correntes.

**Gráfico 4 – Evolução da Média Móvel do Saldo Comercial Brasileiro
(média dos últimos 12 meses)
(dezembro/2008 a julho/2010)**



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da FUNCEX – fonte original: SECEX.

Os dados e informações analisados anteriormente mostram que a economia brasileira tem mantido seu dinamismo, liderado pela demanda interna, notadamente pelos investimentos, com recente expansão do consumo público. Do ponto de vista da indústria brasileira, esse crescimento tem se traduzido na ampliação da produção física e do emprego dos setores relacionados tanto à formação de capital quanto aos bens de consumo duráveis. Apesar da persistência da trajetória de crescimento da economia e da indústria brasileira no primeiro semestre de 2010, pode-se observar alguns sinais de desaceleração, o que indica um ritmo de crescimento mais modesto no segundo semestre do ano. Ainda assim, trata-se de um crescimento industrial vigoroso, que decididamente deixa para trás o período de crise e recoloca algumas preocupações que haviam no período anterior à crise.

Entres estas, deve-se destacar a questão do vigor e da sustentabilidade da expansão dos investimentos e a preocupação com o aumento das importações. A questão da retomada dos investimentos será tratada no segundo artigo deste boletim. Quanto ao aumento das importações, vale destacar que além da apreensão com a redução do superávit comercial, existe outra questão, ainda mais importante, que está associada ao risco de rompimento do círculo virtuoso que liga o crescimento da renda e do emprego ao crescimento do consumo e ao investimento. A continuidade por tempo prolongado do crescimento das importações em ritmo acelerado, em um contexto de câmbio valorizado e demanda nos países centrais

estagnada, pode reduzir o incentivo ao investimento para atender a demanda doméstica a partir da produção interna.

Evolução dos Investimentos no período pós-crise

As informações analisadas na primeira parte deste boletim permitem concluir que a indústria brasileira caminhou rapidamente para uma trajetória de superação do período de crise, fato que tem se concretizado no comportamento positivo da produção física e do emprego formal industrial, pressionando, contudo, a balança comercial.

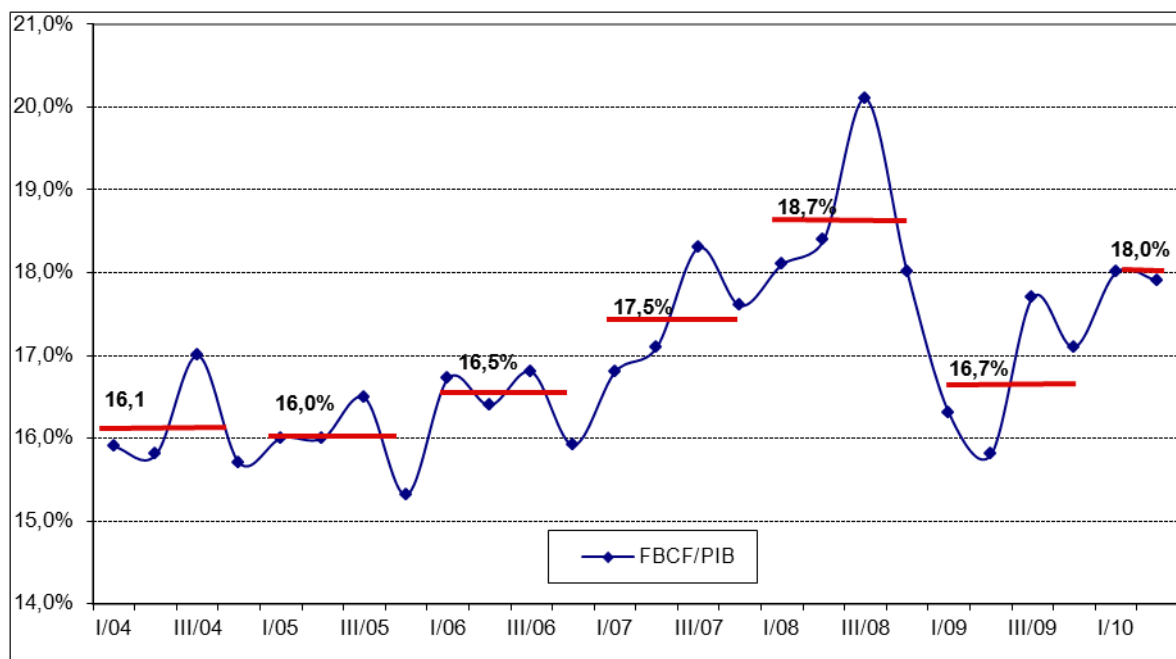
Entretanto, os sinais mais positivos estão associados à recuperação dos investimentos, sinalizando a retomada do padrão de crescimento anterior à crise internacional. Vale lembrar que esse padrão, que resultou em maior dinamismo depois de um longo período de crescimento baixo, esteve associado à recuperação da demanda doméstica.

A partir de 2004, o consumo das famílias passou a ter um crescimento importante e uma contribuição decisiva para a evolução do PIB. O aumento dos gastos de consumo esteve diretamente associado ao aumento da renda do trabalho. A redução do desemprego foi acompanhada do aumento da participação do emprego formal, ao mesmo tempo em que a política de aumento do salário mínimo fez com que a elevação dos rendimentos ocorresse de maneira mais acentuada nos estratos inferiores de renda. Ao crescimento da renda e do emprego, se somou a expansão do crédito para consumo que, além da redução de taxas e da expansão de novas modalidades como o crédito consignado, pode contar com uma base ampliada, em razão do próprio aumento da base de trabalhadores formalizados.

A expansão do consumo traduziu-se em elevação da taxa de lucro empresarial, melhorando as condições de autofinanciamento, fato que somou à maior oferta de recursos disponibilizada pelo BNDES. Ao mesmo tempo, a expectativa de continuidade dos elementos que favoreciam a expansão do consumo, aliados ao afastamento de restrição macroeconômicas internas e à retomada de políticas para coordenar investimentos produtivos e de infra-estrutura, resultaram em elevação dos investimentos.

Observou-se, assim, a retomada de um mecanismo de retroalimentação dinâmica da economia extremamente importante, com a expansão do mercado de trabalho estimulando o consumo e a própria produção industrial. Em um primeiro momento o dinamismo industrial esteve associado ao aumento da demanda doméstica por bens de consumo, sobretudo duráveis e semi-duráveis. Porém, o mais importante é que em um segundo momento, o vetor de dinamismo se expandiu para o investimento, refletindo-se na expansão da formação bruta de capital a partir de 2006 e principalmente 2007.

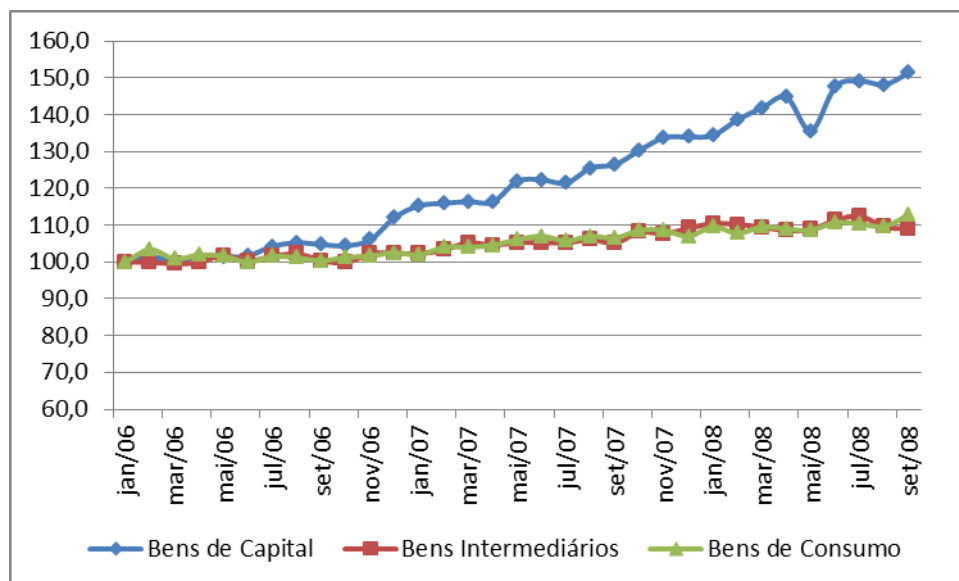
Esse movimento foi bruscamente interrompido pelo agravamento da crise internacional ocorrido em setembro de 2008. Como pode ser visualizado no Gráfico 1, a taxa de investimento chegou a superar os 20% no terceiro trimestre de 2008, caindo a partir de então, até atingir 15,8% no segundo trimestre de 2009. Observa-se a partir de então, uma trajetória de recuperação gradativa, voltando a alcançar níveis iguais ou próximos a 18% no primeiro e no segundo trimestres de 2010. Como já observado, a formação bruta de capital fixo voltou a crescer bem acima do PIB nos dois primeiros trimestres de 2010 comparados a igual período de 2009.

Gráfico 1 – Evolução da Taxa de Investimento (I/2004 a II/2010). Em %

Fonte: SCN/IBGE.

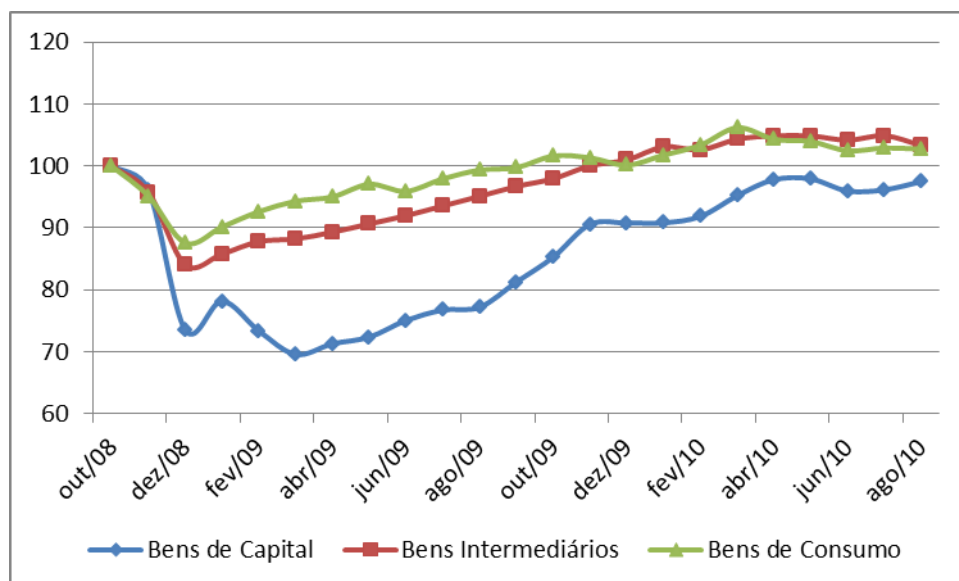
O movimento de recuperação dos investimentos também pode ser observado considerando a evolução da produção física dos bens de capital. O Gráfico 2 mostra o descolamento da produção de bens de capital em relação às demais categorias de uso a partir de 2006 até setembro de 2008. O gráfico 3, por sua vez, mostra a trajetória a partir do mês seguinte ao início da crise. É possível observar que a interrupção dos projetos de investimento teve um impacto bastante forte sobre a produção de bens de capital, que inclusive continuou a apresentar queda quando a produção de bens de consumo e bens intermediários já apresentavam retomada de produção.

Gráfico 2 – Índice de Produção Física Por Categoria de Uso (Jan/2006 a Set/2008). Jan/2006 = 100



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIM-PF/IBGE.

**Gráfico 3 – Índice de Produção Física Por Categoria de Uso (Out/2008 a Ag/2010).
Out/2008 = 100**



Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIM-PF/IBGE.

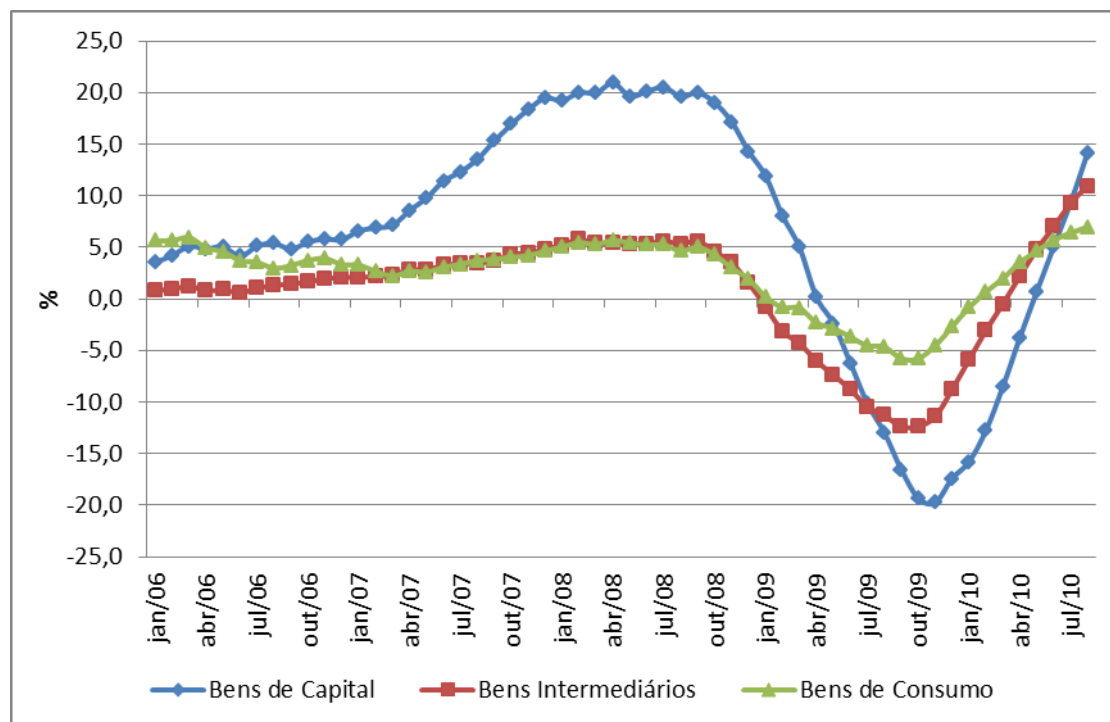
Somente a partir de abril de 2009, o índice de produção física volta a se recuperar, passando a apresentar a partir de segundo semestre desse ano, uma taxa bastante superior às demais categorias de uso, embora não tivesse, em agosto de 2010, ainda atingido os níveis anteriores à crise.

Considerando as taxas de crescimento acumuladas em 12 meses (Gráfico 4), observa-se um período de exatamente um ano, entre o início do aparecimento de taxas acumuladas negativas (maio de 2009) e a volta a patamares positivos (maio de 2010). O ritmo de recuperação, porém, faz com que já em julho a taxa do setor de bens de capital supere a das

demais categorias de uso. Em agosto de 2010 essa mesma taxa atingiu 14,2%, contra 11,0% no setor de bens intermediários e 7,0% no setor de bens de consumo.

Gráfico 4 – Crescimento Acumulado em 12 meses, por categoria de uso.

(jan/2006-agosto/2010). Em %



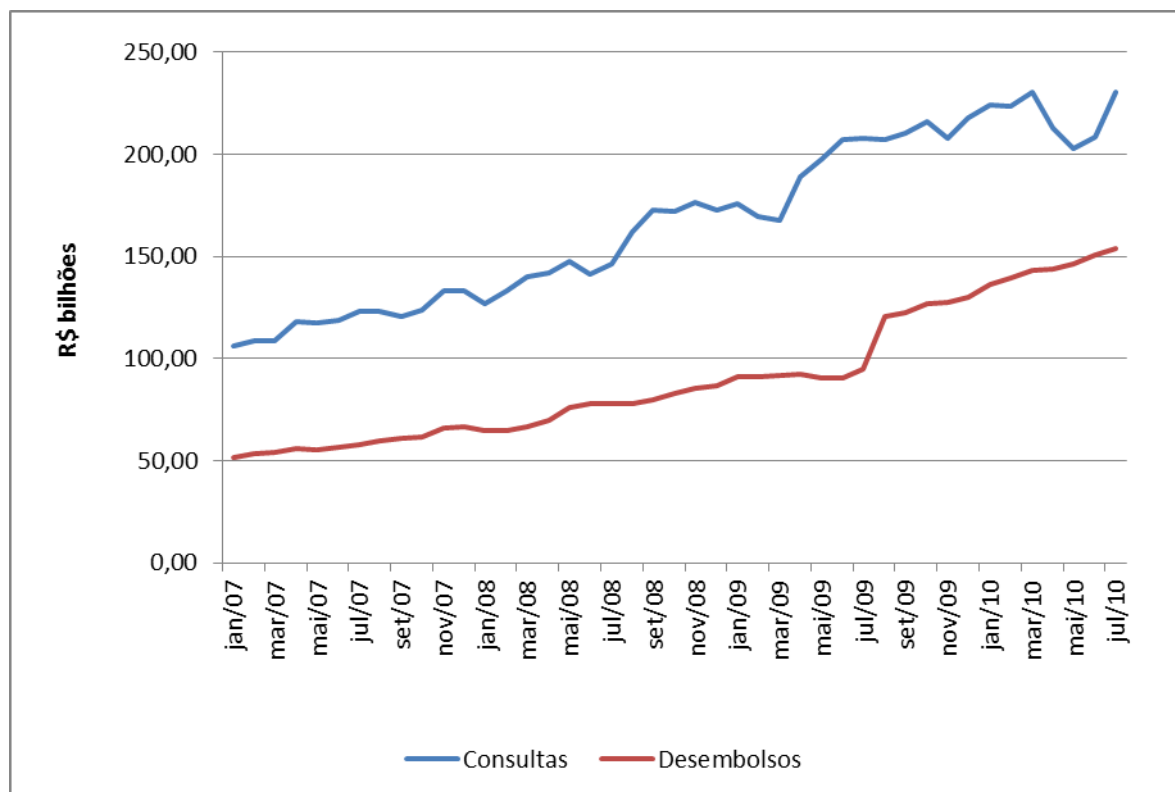
Fonte: Elaboração NEIT/IE/UNICAMP a partir de dados da PIM-PF/IBGE.

As informações analisadas neste relatório mostram por um lado os intensos efeitos negativos do movimento abrupto de paralisação dos investimentos no final de 2008. Por outro, também indicam uma tendência de recuperação bastante consistente, o que mostra que as expectativas em relação crescimento futuro da economia continuam positivas. Observa-se assim, a retomada de um padrão de crescimento bastante semelhante ao período anterior à crise.

Considerando as informações sobre consultas e desembolsos realizados pelo BNDES, o gráfico 5 mostra que a partir de setembro de 2008, as consultas sofreram uma certa estabilização, que perdurou apenas até março de 2009, uma vez que a partir de abril desse ano, o volume de consultas volta a apresentar tendência de crescimento. Já o volume de recursos efetivamente desembolsados não apresentou esse movimento, refletindo a política anti-cíclica do Banco, de sustentar a oferta de crédito para manter o processo de inversões na economia.

Gráfico 5 – Operações do BNDES: consultas e desembolsos realizados. Em R\$ Crescimento Acumulado em 12 meses, por categoria de uso.

(jan/2006-agosto/2010). Em %



Nos próximos meses existe a expectativa de que a continuidade da recuperação possa levar a indústria a um patamar superior ao de antes da crise, retomando de maneira mais firme o processo de elevação dos investimentos. Nesse processo, o dinamismo da demanda interna deve continuar a ser o elemento fundamental, uma vez que no cenário internacional, os países centrais devem continuar com taxas de crescimento muito baixas ao longo de 2010.

Surge portanto, um desafio de curto prazo que é o de garantir o dinamismo do mercado interno. No entanto, no médio e longo prazo, coloca-se o desafio de garantir o aproveitamento do dinamismo do mercado interno para voltar a acelerar a taxa de investimento. É importante que esse investimento não ocorra apenas para expandir capacidade produtiva, mas também que possa fomentar mudanças estruturais que tornam o país capaz de enfrentar uma competição cada vez mais acirrada, seja por parte de outros países emergentes, em especial os asiáticos, seja por parte dos países centrais, que devem buscar acelerar os processos de mudança tecnológica para estimular a retomada de seu próprio crescimento.